

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
CAMPUS BAIXADA SANTISTA  
TERAPIA OCUPACIONAL

GABRIELA MARIA LEMOS SILVA

RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: UMA ETNOGRAFIA VIRTUAL SOBRE AS  
REDES DE APOIO FEMININAS NO FACEBOOK

SANTOS  
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
CAMPUS BAIXADA SANTISTA  
TERAPIA OCUPACIONAL

GABRIELA MARIA LEMOS SILVA

RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: UMA ETNOGRAFIA VIRTUAL SOBRE AS  
REDES DE APOIO FEMININAS NO FACEBOOK

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal  
de São Paulo, para obtenção do  
título de bacharel em Terapia  
Ocupacional.

Orientadora: Prof. Dra. Luciana Togni de Lima e Silva Surjus

SANTOS  
2018

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e aos meus pais que sempre estiveram presentes me apoiando e me dando forças e incentivando em todas os momentos da minha na minha vida acadêmica e fora dela.

Ao meu irmão que foi e é sempre um parceiro para todas as horas.

Aos meus amigos da minha republica e de Santos que fizeram meus dias mais leves e mais alegres. Sentirei muita falta da convivência com vocês.

Ao meu namorado que não me deixou surtar, e me ajuda ver dia a dia o quanto um relacionamento saudável pode beneficiar a nossa vida.

A professora Dra. Luciana Surjus, que tornou essa caminhada do TCC mais clara e menos complicada. Agradeço imensamente a paciência e a dedicação ao me orientar.

## RESUMO

Segundo o mapa da violência de 2015, no ano de 2014 duas em cada três vítimas de violência no Brasil eram mulheres. A pesquisa ainda disponibiliza uma ideia do agente da agressão, mostrando que na idade jovem e adulta, metades das agressões sofridas pelas mulheres brasileiras são cometidas por um cônjuge, namorado ou ex. Segundo a mesma pesquisa, no ano referido, a cada dia 405 mulheres necessitam de atendimento médico em uma unidade básica de saúde. Com isso foi feita uma etnografia virtual, utilizando diário de campo em paginas e grupos de apoio a vitimas de relacionamentos abusivos. Acompanhando a dinâmica dos grupos percebemos a grande interação dos usuários todos os relatos no grupo recebem muitos comentários e geram conversas acerca das vivências. As integrantes do grupo sempre discutem as publicações tentando achar os melhores conselhos e soluções para os desabafos feitos nas páginas. Pudemos esclarecer os vários tipos de violência sofrida pelas mulheres dentro de um relacionamento abusivo. E investigar a violência psicológica, a qual percebeu a alta prevalência dentro dos RAs. Violência na qual foi relatada mais traumas e desdobramentos tanto psicológicos quanto físicos.

Palavras chave: Relacionamento abusivo, violência domestica, violência de gênero, etnografia virtual, rede de apoio.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Violência contra a mulher .....	7
1.2 Relacionamentos abusivos.....	9
1.3 Relacionamentos abusivos, feminismo e internet.....	11
2.OBJETIVOS.....	12
2.1 Objetivo Geral .....	12
2.2 Objetivo Específico.....	12
3. METODOLOGIA .....	13
4. RESULTADOS .....	15
4.1 Catalogando os achados.....	15
4.1.1 As páginas .....	15
4.1.2 Os Grupos.....	17
4.2 Percepções acerca da vivência nos grupos .....	18
4.2.1 Grupos mais expostos.....	18
4.2.2 Como as mulheres percebem, vivenciam e caracterizam relacionamentos abusivos. .....	19
4.2.3 As principais estratégias de apoio que vêm sendo desenvolvidas no ambiente virtual .....	21
5. DISCUSSÃO:.....	23
5.1 Reflexões sobre, mulheres, agressão e relacionamentos abusivos .....	23
6. CONCLUSÃO .....	26
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

## INDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Taxas de Atendimento a Mulheres no SUS no ano de 2014 .....	8
Tabela 2 - Páginas Incluídas na Pesquisa .....	16
Tabela 3 - Grupos Incluídos na Observação .....	18

## APRESENTAÇÃO

Sempre me interessei pela área da saúde, do cuidado com o ser humano. Na escola as matérias de humanas e biológicas sempre me chamaram mais atenção, além de ser de onde vinham as minhas melhores notas. A curiosidade em entender o ser humano sempre foi aflorada. Perto de me formar tive contato com a terapia ocupacional, vi nela uma profissão que unia todas as minhas áreas de interesse. Minha trajetória no curso de Terapia Ocupacional começou cercada de medos e expectativas, pelo que viria que foram sanados com o passar da graduação.

Por se tratar de uma universidade pública e com um projeto Interprofissional e interdisciplinar nos faz abrir os olhos acerca de todas as visões e diferenças de pensamentos, me fazendo ter um olhar mais crítico e me posicionar perante as diversas ideias.

Desde o começo da graduação tive muita curiosidade e afinidade pela área da saúde mental, que foi aumentando durante todo o percurso, tanto pelo meu interesse, quanto pelos professores dessa área, que mostraram o quão importante e relevante ela se torna na vida do sujeito, e os quão empenhados são no bem estar do mesmo.

A universidade federal de são Paulo (UNIFESP), campus Baixada Santista, onde estudei tem maioria de docentes e discentes do gênero feminino o que me fez perceber e refletir mais sobre nós e principalmente sobre como nos relacionamos. Nos primeiros anos o que me chamou atenção foi a grande quantidade de jovens universitárias que passam por relacionamentos abusivos.

No meio da graduação vivi um relacionamento abusivo, que com algumas atribuições da faculdade me desencadearam um transtorno de ansiedade e pânico, que atrapalharam na minha vida acadêmica e social. Com tudo isso vislumbrei meu tema pensando no quanto relacionamentos abusivos refletem na vida social das mulheres.

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 Violência contra a mulher

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a violência contra a mulher além de uma violação contra o direito da mulher é um problema de saúde pública. (OMS, 2013). Mas nem sempre foi visto assim, Walker (1994 apud Caridade; Machado, 2008 p.485) as mulheres por muito tempo foram subjugadas, tendo um papel de subordinação e submergência perante o homem. Há menos de um século a violência contra a mulher passou a chamar atenção, e “se tornar” perante a sociedade um problema social. A partir daí começou-se a discutir mais o tema, e a comunidade científica a estudar mais sobre o assunto. Isso está relacionado com a maior atuação do feminismo e a relação do ativismo político e internet, onde as informações e discussões tomaram uma proporção maior, com mais indivíduos com diferentes concepções, dando mais visibilidade ao feminismo e a violência de gênero.

No mundo 30% das mulheres já sofreram agressão de parceiros segundo a OMS (2013), dado que pode ser maior devido a não denúncia, ou a países onde a violência contra a mulher é permitida ou velada. Ainda segundo o mesmo estudo, 38% dos assassinatos de mulheres em todo o mundo são cometidos por parceiros ou ex-parceiros.

Segundo o mapa da violência de 2015, no ano de 2014 duas em cada três vítimas de violência no Brasil eram mulheres. A pesquisa ainda disponibiliza uma ideia do agente da agressão, mostrando que na idade jovem e adulta, metade das agressões sofridas pelas mulheres brasileiras são cometidas por um cônjuge, namorado ou ex. Segundo a mesma pesquisa, no ano referido, a cada dia 405 mulheres necessitam de atendimento médico em uma unidade básica de saúde. (WAISELFISZ, 2015)



Tabela 1 – Taxas de Atendimento a Mulheres no SUS no ano de 2014

	Jovens	Adultas
Família	3,0	1,5
Cônjuge/namorado	6,5	4
Ex-cônjuge/ ex-namorado	3,1	1,4
Desconhecido	2,1	1,2
Outros	1,9	1,2
Autoprovocada	2,6	1,7
Total	19,2	11

*Fonte: Elaborada pela autora*

*Feita a partir das informações contidas no mapa da violência no Brasil, 2015, acerca das taxas de atendimento de mulheres (por 10 mil) pelo SUS no ano de 2014.*

Dado ao grande número de homicídios e de casos de violência contra mulher no Brasil foi sancionada a lei 11.340/06, Lei Maria da Penha, homenagem a Maria da Penha que sobreviveu a 23 anos de violência doméstica e duas tentativas de homicídio por seu marido na época. Lei que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

No ordenamento o art. 226º da Lei nº 11,340 dispõe:

Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. (BRASIL, 2006).

## 1.2 Relacionamentos abusivos

A violência doméstica é um tema cada vez mais atual em todo o mundo, progressivamente mais discutido na sociedade, e investigado em diferentes áreas de conhecimento. Trata-se de todo tipo de violência cometida por pessoas que estejam envolvidas afetivamente e convivam com a vítima, tal violência ocorre em um âmbito privado, tem alta prevalência e é considerado como um problema de saúde pública e de violação de direitos humanos. (BITTAR; KOHLSDORF, 2013).

Segundo Falkce e colaboradores (2009, apud LAMOGLIA; MINAYO, 2009, p. 597) “os números alarmantes da violência conjugal reforçam a necessidade de compreensão do fenômeno para além do ambiente domiciliar”. Relacionamentos abusivos acontecem no mundo inteiro, e com diferentes grupos, e gêneros, porém é com crueldade e gravidade contra a mulher. O abuso em relacionamentos pode ser físico, sexual, psicológico ou ser mais de um deles ao mesmo tempo.

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de

trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.(Brasil, 2006)

O relacionamento abusivo (RA) na maioria das vezes começa de forma que a vítima não consegue reconhecer a situação de abuso, aumentando aos poucos quando a vítima já está presa dentro dessa relação. A violência conjugal apresenta ciclos, com padrão definido em quatro principais fases: a da tensão, da agressão, de desculpas e de reconciliação. Passando a fase da reconciliação se recomeça um novo ciclo e assim continuamente até o final dos abusos ou do relacionamento. (HIRIGOYEN, 2006)

Com a Lei Maria da Penha e maior visibilidade sobre o assunto, a violência contra a mulher e principalmente a violência doméstica começou a ser mais falada, discutida e combatida. Além da Lei Maria da Penha, o que impulsionou a discussão foi o maior número de pessoas discutindo o ativismo político pela internet, dando muito mais visibilidade, além da propagação do feminismo, que culmina na maior perceptibilidade do próprio feminismo e da violência de gênero. (SOUSA, 2017)

No ano de 2014 em diante, o termo relacionamento abusivo passou a ser mais usado e a ser classificado, com uma preocupação maior de dizer o que se encaixa ou não em uma relação abusiva. Com tudo isso o tema passou a ser foco em diversas redes sociais, blogs, documentários, livros e até campanha da Secretaria de Políticas Públicas para as mulheres.

### **1.3 Relacionamentos abusivos, feminismo e internet.**

Com a popularização da internet, aumentou-se a produção de conteúdos por usuários, sobre textos feministas que puderam ser mais alcançados e disseminados pela população de grupos já existentes e criação de novos para abarcar os temas dialogados e discutidos por grupos feministas. Com as redes sociais e as facilidades oferecidas por elas tudo teve uma abrangência ainda maior.

Com a temática dos RA sendo mais discutida na internet e o aumento do apoio de outras mulheres as discussões, fóruns e campanhas puderam ser mais organizadas e difundidas, viabilizando visibilidade e difusão dos feminismos e das mudanças nas convenções acerca do que pode ser classificado como violência. (FACCHINI; FERREIRA, 2016)

Torna-se uma situação prejudicial o isolamento da mulher que é vítima de agressão. O medo de ser julgada, estigmatizada e a vergonha de sua situação gera um grande mal estar e constrangimento. Essas mulheres veem a internet como espaço de desabafo e compreensão. As redes sociais “off line” podem ser consideradas como uma trama de relações que conferem a cada sujeito identidade e sentimento de pertença. A estrutura da rede é formada pelo conjunto de laços perceptíveis que se estabelecem entre pessoas e redes. Pode se ver o mesmo nas redes sociais online, que geram apoio, pois os integrantes se sentem pertencentes e entre semelhantes. (NETO et al, 2017)

Mulheres, em uma situação de violência, encontram-se em estado crítico e instável de insegurança. Quando estas conseguem partilhar sua problemática a outras pessoas, haverá possibilidade de que estas pessoas ajudem de alguma forma. Estas poderão apoiá-la a partir do momento em que conhecem essa mulher seus conflitos e as demandas trazidas no contexto da violência. (NETTO et al, 2017).

## **2.OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Conhecer como a temática de relacionamentos abusivos tem sido debatida nos ambientes virtuais femininos

### **2.2 Objetivo Específico**

- Mapear os principais espaços virtuais voltados à temática dos relacionamentos abusivos;
- Verificar dentre a população feminina, os grupos que aparentam ser mais expostos a relacionamentos abusivos;
- Identificar o que as mulheres percebem, vivenciam e caracterizam como relacionamentos abusivos;
- Identificar quais as principais estratégias de apoio vêm sendo desenvolvidas no ambiente virtual.;

### 3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, de caráter qualitativo. Como método para esta monografia usaremos a etnografia virtual, uma vertente da etnografia, que vem sendo mais usada devido o avanço da tecnologia e ao crescimento dos relacionamentos e vida no espaço cibernético. (AMARAL et al, 2008). No contexto atual em que vivemos vemos cada vez mais o quão imersos estamos nos meios de comunicação existentes graças à internet, e o quanto nos expomos e compartilhamos nesse mundo online. Por isso cada vez mais é necessário o estudos dos meios de comunicação cibernéticos.

O neologismo “netnografia” (*nethnography* = *net* + *ethnography*) foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995, para descrever um desafio metodológico: preservar os detalhes ricos da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico para “seguir os atores”. (BRAGA, 2001, p.05)

Ela permite que o pesquisador entre no espaço a ser observado. Essa metodologia visa à importância da compreensão do mundo virtual e toda a diferença com a vida off-line, observando as diferentes experiências, visões e modos a serem usados no mundo online. Passa a ser papel do etnógrafo compreender todos essas relações, pelas linguagens e práticas expostas nesse meio. (MERCADO, 2012)

A etnografia virtual segue o princípio de análise do conteúdo cibernético verbal ou não, principalmente com um caráter qualitativo, visando entender o modo e as praticam culturais existentes. Por isso requisita uma inserção do etnógrafo no meio estudado, além de um conhecimento da dinâmica, do meio e das regras do espaço. (RECUERO, 2010)

O enfoque da etnografia virtual se dá pela observação e conexão juntos a perspectiva da comunidade virtual a ser estudada, as pessoas, seus hábitos e ações dentro desse grupo, dando ao etnógrafo uma visão mais próxima do que está sendo estudado.

A vida social sofre constante intervenção do ciberespaço e das relações e interações nesse espaço. Porém o contrário também acontece: O ciberespaço é bastante influenciado pelo meio social. (RECUERO, 2010). Muitas vezes os dois mundos se misturam ou até se tornam uma extensão do outro, graças a toda interação possibilitada pelo ciberespaço, pois podemos estender as relações para tal.

Utilizamos como local de pesquisa o Facebook, rede social usada para aproximar pessoas com os mesmos gostos e interesses. Mapeamos páginas e grupos que sirvam de apoio, meio de desabafo ou grupo de discussões para mulheres que passam ou passaram por algum tipo de relacionamento abusivo cometido por cônjuges, namorados ou ex, independente de se tratarem de relações hetero ou homo afetivos.

Após essa fase, por meio de um diário de campo acompanhamos as interações nos grupos e páginas, e sintetizamos as informações mais pertinentes, para serem descritas neste trabalho.

Entende-se com diário de campo o conjunto de anotações feitas pelo pesquisador. Descrição dos achados, das percepções e sentimentos dentro da pesquisa de campo, é capaz de produzir um movimento de reflexão da própria prática. É o momento de reflexão sobre e como o indivíduo responde ao campo (PEZZATO; L'ABBATE, 2011). Segundo Souza (2014, p.67) "O diário de campo é um instrumento de registro de dados que permite sistematizar as experiências e depois analisar os resultados".

O diário de campo permite o conhecimento da vivência cotidiana de campo, com ele passa a ser mais fácil o entendimento do campo a todos. Há um grande número de estudos utilizam técnicas que fazem uso do diário de campo. Tendo em vista as diferentes abordagens teórico-metodológicas às quais os diários podem se vincular (PEZZATO; L'ABBATE, 2011).

Na construção desta monografia, se deu inegável a importância de tratarmos o quanto a violência psicológica afeta de forma nociva a vida das mulheres. Por isso foi decidido à inclusão de mais um tópico para a discussão acerca das reflexões sobre mulheres, agressão e saúde mental.

## **4. RESULTADOS**

### **4.1 Catalogando os achados**

#### **4.1.1 As páginas**

Por se tratar de uma etnografia virtual decidimos fazer a busca e a pesquisa no aplicativo Facebook, por ser a rede social mais utilizada no Brasil. Foi feita uma busca pelo título, Relacionamento abusivo. O Facebook por se tratar de uma rede social de fácil uso, não precisar de software e ser gratuito se tornou uma das redes sociais mais populares no mundo e no Brasil. Ele permite a comunicação e o compartilhamento de arquivos, textos, e imagens, permitindo que pessoas com os mesmos interesses fiquem conectadas e em contato mais facilmente. O Facebook se tornou um grande e fácil meio de comunicação e de exposição de ideias. (GONÇALVES 2010)

Na caixa de busca do Facebook foram colocadas as palavras relacionamento abusivo, foram encontradas páginas e grupos relacionadas à R.A. com diferentes números de inscrição, curtidas ou participantes. Nas páginas decidimos usar como critério de inclusão as páginas com mais de dois mil inscritos no dia quatro de dezembro do ano de dois mil e dezoito, foram encontradas onze páginas com número superior a dois mil inscritos que foram incluídas na pesquisa e quarenta e cinco excluídas, pois não atendiam o número mínimo de inscritos, além das páginas excluídas por não se encaixarem no assunto ou serem páginas de profissionais que lidam com relacionamentos abusivos.



Tabela 2 - Páginas Incluídas na Pesquisa

Páginas	Inscritos	Likes
Relacionamento Abusivo	3.110	3.095
Desabafos de Um Relacionamento Abusivo	4.363	4.316
Relacionamento abusivo não é amor.	3.090	3.070
Eu, assediada	22.206	22.097
Meu Relacionamento Abusivo	2.210	2.201
Relacionamento Abusivos	2.257	2.260
Relacionamentos Abusivos - Projeto Acolhida	2.302	2.246
Relacionamentos conturbados	6.454	6.398
Moça, seu relacionamento é abusivo	26.950	26.707
Relacionamento Abusivo	46.359	46.204
Eu vivi um Relacionamento Abusivo	2.957	2.926

Fonte: Elaborada pela autora

Ao catalogar as páginas observamos que elas poderiam ser divididas em três categorias:

(1) na primeira temos as páginas com o objetivo de ajudar pessoas que estão tentando se livrar de relacionamentos abusivos. Que utilizam de frases, mensagens, reportagens, textos e memes para cumprir o papel proposto, estas páginas oferecem além de um meio de comunicação pelos comentários dos posts um canal direto com os moderadores da página, o “inbox”, para uma conversa mais direcionada.

(2) Em um segundo grupo: percebemos que as páginas têm como principal propósito alertar as pessoas que possam estar passando por um relacionamento abusivo e não se dão conta, assim como no primeiro caso elas utilizam de memes frases e imagens e reportagens e textos e seus seguidores conversam pelos comentários sobre R.A.

(3) O terceiro grupo: as páginas utilizam outra forma para abordar o tema, tais páginas recebem e postam anonimamente relatos de mulheres que passam ou passaram por relacionamentos abusivos. E as participantes da página que passam ou já passaram por isso podem argumentar sobre a narração.

As páginas do Facebook são todas abertas, portanto, todos os usuários dessa rede social tem acesso a ela e podem ver o que ela posta ou compartilha. Por isso se torna um canal aberto e livre para que todos possam ver ou compartilhar o que está nela. Com isso as páginas se tornam mais um meio para difundir as discussões sobre R.A. As páginas tem o intuito de aumentar o número de pessoas que discutem os relacionamentos abusivos e tentar de alguma forma ajudar quem está passando por esse momento ou já passou e ainda tem se traumas dessa relação.

#### **4.1.2 Os Grupos**

Mapeamos também os grupos existentes, destinados ao apoio e diálogo de pessoas que passam ou passaram por RA.

Foram encontrados na data da pesquisa quarenta e dois grupos, quarenta e um grupos abertos e um secreto que apareceu por já ser membro. Havia entrado por meio de indicações. Desses quarenta e dois grupos, trinta e cinco foram descartados pelo baixo nível de inscritos, menos de mil pessoas Os sete grupos restantes tinham de mil a 25 mil pessoas.

Nas relações de sociabilidade que se estabelecem no ciberespaço, destaca-se o surgimento das comunidades virtuais, com grupos de pessoas conectadas via internet, com base em um interesse comum, que mantém contato por um determinado período de tempo. O envolvimento e a participação dos membros desta comunidade varia de indivíduo para indivíduo. Há membros ativos que leem e respondem a todas as mensagens. Outros são apenas observadores que leem, mas não respondem (MERCADO, 2012, p.171).

Tabela 3 - Grupos Incluídos na Observação

Grupos	Participantes
Relacionamento abusivo: grupo de apoio feminino	6.670
Moça, seu relacionamento é abusivo 2.0.	25.391
Vítimas e ex vítimas de relacionamento abusivo	1.699
Falando sobre Relacionamento Abusivo e Maternidade Real	5.057
Grupo secreto	25.636
Relacionamento abusivo, Liberte-se!	4.770
HELP, meu relacionamento é abusivo.	1.924

Fonte: *Elaboração da Autora*

## 4.2 Percepções acerca da vivência nos grupos

### 4.2.1 Grupos mais expostos

Os grupos acompanhados na pesquisa são estritamente frequentados por mulheres. Foi percebido uma grande variedade na composição das mesmas, pode-se ver pelas narrativas, mulheres de diferentes faixas etárias, diferentes etnias, classe social e religião, provocando uma discussão se haveria grupos populacionais mais susceptíveis. A violência conjugal acontece no mundo inteiro em diferentes classes sociais, raças, etnias, grau de instrução e em quase todas as idades e entra no conceito de violência de gênero. (MARQUES, 2005, p.71) Porém segundo a ONU há fatores associados à permanência de mulheres que sofrem violência em seu relacionamento, à desigualdade de gênero, a baixa escolaridade, maltrato infantil e a exposição à violência familiar influencia na chance de mulheres continuarem em relacionamentos abusivos.

Truninger (1971 apud MARQUES, 2005, p.109) lista algumas razões pelas quais as mulheres não rompem relacionamentos pautados pela violência, muitas vezes elas acreditam que seus maridos irão mudar medo de sofrer dificuldades financeiras, por achar que seus filhos necessitam da presença paterna e do suporte

económico do pai, além da dúvida de que podem conseguir prosseguir sozinha. Outro fator para permanência de mulher em um relacionamento abusivo são os obstáculos emocionais relativos à autoimagem, muitas vezes os parceiros deturpam a imagem das mulheres, e as inferiorizam, essas se sentem mal e com autoestima baixa incapazes de pensar em suas vidas sozinhas fora de um relacionamento.

Nos grupos percebemos em muitos casos que um problema recorrente que impede a mulher de se separar dos abusadores, É a dependência financeira da mulher perante o homem abusador. Muitas vezes a mulher por depender desse homem e não ter nenhuma fonte de renda se vê presa a este relacionamento. Mulheres que não exercem atividades remuneradas, que já não trabalhavam, deixaram o emprego para cuidar dos filhos, foram demitidas ou muitas que deixaram seus empregos por abusadores, são muitas as que tiveram que deixar seus empregos por pedido ou pressão dos seus parceiros muitas vezes por ciúmes ou insegurança. Essas mulheres muitas vezes não possuem meios ou pessoas para recorrer para sair desses relacionamentos não tendo pra onde ir ou como se sustentar e a seus filhos, isso a torna mais refém desses relacionamentos tóxicos.

#### **4.2.2 Como as mulheres percebem, vivenciam e caracterizam relacionamentos abusivos.**

Muitas mulheres entram nos grupos não tendo certeza se seu relacionamento é mesmo abusivo ou não querendo acreditar. Apenas depois de ver que tantas mulheres passam pelo que elas estão passando, e ter esse olhar de fora, elas entendem e aceitam o que estão passando. Por isso o grupo também funciona como um lugar de descoberta onde as mulheres se descobrem em um relacionamento abusivo e podem assim pensar em como reagirão.

Cada indivíduo reage diferentemente a um relacionamento abusivo, partindo de sua história, criação ou experiências anteriores. Desde o reconhecimento dos abusadores até o término do relacionamento. Muita das mulheres confessam se sentir sufocadas. O ciúme e o controle exercido pelo parceiro abusivo gera uma sensação de encarceramento ou até em algumas situações esse encarceramento passa a ocorrer fisicamente, as mulheres deixam de sair por medo ou são obrigadas a ficar em suas casas devido o ciúme excessivo. O que configura crime de cárcere privado.

Percebe-se nas mulheres vítimas de relacionamento abusivo uma fragilidade geradas pelas agressões. Elas convivem com o medo de serem agredidas novamente ou de serem mortas. Como várias outras brasileiras, já que, o Brasil é o quinto país com maior índice de feminicídios no mundo.

O enfrentamento dessa situação é sempre difícil, distanciar-se de um companheiro e muitas vezes o sentimento da ruptura de uma família, gera na mulher uma dúvida, mesmo que o relacionamento já esteja desgastado e gere muito sofrimento e dor. Segundo Féres-Carneiro (2003 p.370) “O processo de separação foi descrito por homens e mulheres, de ambas as faixas etárias, como muito difícil e sofrido. Nas falas femininas, a desilusão foi muito ressaltada”.

Em muitos casos as mulheres desconsideram os abusos psicológicos e só passam a enxergar a situação de um relacionamento abusivo quando as agressões se tornam físicas. Enquanto os abusos são psicológicos as mulheres relutam em pensar em seus parceiros como abusadores só aceitando essa percepção quando se vem com marcas físicas dos abusos.

Uma das maiores causas apontadas nos grupos observados para que a continuação da relação com o parceiro agressor é acreditar que o parceiro possa mudar. Foi relatado que muitas vezes após as agressões vem um período de choro e pedido de desculpas por parte do abusador, que ganha um voto de confiança. Porém frequentemente as agressões voltam a acontecer e as desculpas também, como um ciclo. Não é raro nesses pedidos de desculpa, a vítima ser culpabilizada pelas agressões, existindo assim um ‘jogo’ psicológico do agressor.

Há também o medo de que suas queixas às autoridades policiais enfureçam ainda mais o parceiro, gerando novas agressões. Ou que os órgãos competentes não consigam garantir sua proteção, esses fatores, esse medo, muitas vezes impedem a realização de denúncias contra os abusadores.

O tratamento de uma mulher, vítima do abuso psicológico, requer, antes de tudo, muita paciência, tanto por ela mesma, como por demais sujeitos envolvidos, pois submersa a uma condição de violência, não conseguirá, do dia para noite, se desfazer das cicatrizes ocultas deixadas por anos de submissão e agressão. (SOUZA; CASSAB, 2010,)

### **4.2.3 As principais estratégias de apoio vêm sendo desenvolvidas no ambiente virtual**

Como havia um grupo secreto dentre os grupos considerados, observamos primeiramente a diferença entre a participação quando se trata de um grupo secreto á um grupo aberto. As mulheres se sentem mais despreocupadas a se abrir e contar suas histórias mesmo sendo muito dolorosas e difíceis de compartilhar, pois o grupo permite que só as integrantes previamente aceitas tenham acesso às publicações. Já Nos grupos abertos, além dos relatos feitos de seus perfis, há muitos relatos anônimos, pois as mulheres preferem não mostrar seu rosto, às vezes por medo, vergonha ou não quererem que conhecidos saibam da situação que elas vivem.

Acompanhando a dinâmica dos grupos percebemos a grande interação dos usuários todos os relatos no grupo recebem muitos comentários e geram conversas acerca das vivências. As integrantes do grupo sempre discutem as publicações tentando achar os melhores conselhos e soluções para os desabafos feitos nas páginas

Observamos nos relatos vários tipos de agressões, físicas, monetárias, psicológicas e sexuais em alguns relatos apenas uma ou duas, em outras relacionamentos que passaram ou passam por todas as agressões. Porém podemos perceber que o mais recorrente é o psicológico, por meio desse as mulheres se tornam mais vulneráveis e na maioria dos casos esses abusos evoluem para os outros Ao contarem suas histórias vemos nessas mulheres relatos recorrentes de início de namoro sem sinais de que seus parceiros (as) são abusivos, só com o passar do tempo esses sinais aparecem, começam brandos, comentários maldosos ciúme excessivo, controle, para só depois que as mulheres estão enraizadas no relacionamentos começam as agressões.

Os grupos se tornaram lugares onde as mulheres se sentem acolhidos e protegidas para contar de suas vidas e do que acontece em seu relacionamento sem julgamentos Muitas delas não se abrem nem com familiares ou amigos, mas se num grupo Onde estão em meio às pessoas que passam ou passaram pela mesma situação e sabem que haverá sororidade e acolhida. Os grupos de apoio podem ser considerados como fonte de suporte social, o grupo ajuda a se 'sustentar' e dar continuidade na recuperação. Além de ser um ambiente de transformação psicossocial. (PINHEIRO et al 2008)

Esses grupos são locais onde as mulheres podem compartilhar suas vivências e trajetórias e serem entendidas pelas outras participantes. A participação nesse grupo promove a oportunidade de sentir incluídas e apoiadas, além da esperança e a força para superar as dificuldades. (PINHEIRO et al 2008)

## **5. DISCUSSÃO:**

### **5.1 Reflexões sobre, mulheres, agressão e relacionamentos abusivos**

Foram vistas em todas as páginas abertas a todos os gêneros, imensa maioria feminina. A grande prevalência do público feminino nessas páginas e grupos Podemos relacionar ao fato da grande presença do patriarcado e machismo enraizado na sociedade que faz com que os homens pensam poder controlar as mulheres e serem proprietários da vida dessas. Na sociedade patriarcal existe uma visão que masculino vem sempre em um lugar superior de chefia na família masculino detém o poder. Historicamente ele vem sendo visto como agente do poder da violência e do domínio das pessoas. (MINAYO 2005)

O masculino normalizado, culturalmente aceito como macho alfa que controla apresenta as suas ações violentas como correção aos atos que não lhe agradam ou não são aprovados por eles. Ele encarna em poder de juízes que lhes é dado pela sociedade machista e patriarcal cabendo a eles julgar e em último caso punir, viabilizam, na visão desses, a agressão. E a sociedade muitas vezes aceita essa posição, podemos citar o dito popular que diz que 'em briga de marido e mulher ninguém mete a colher. Segundo esses homens eles só chegam a punir (agressão física) depois de já ter avisado e conversado. Essa visão de que suas ações são 'atos de correção'. (MINAYO 2005, p.24)

Muitas vezes as mulheres acabam por aceitar e se habituar com esse pensamento que muitas vezes já vem enraizado da família e de sua infância, e isso se torna mais um obstáculo para se ver livre desses agressores.

A violência doméstica também conhecida como agressão do parceiro íntimo ou maus tratos é, quase sempre, acompanhada de agressão psicológica e, de um quarto a metade das vezes, também de sexo forçado. (DAY et al, 2003).

As agressões geram inúmeros malefícios e sequelas na vida das mulheres são sequelas físicas e emocionais capazes de provocar repercussões nocivas de longo prazo em suas vidas. (DOURADO e NORONHA 2014)

Segundo Heise et al (1994 apud MOZZAMBANI et al,2011, p.46) Mulheres que passam ou passaram por violência física ou psicológica tendem a apresentar maior fragilidade com efeitos em sua autoestima e autoimagem tornam-se menos



seguras do seu valor e ficam mais propensas à depressão esses efeitos podem durar uma vida inteira a violência de gênero também pode estar relacionada ao suicídio homicídio e mortalidade materna.

Agressões físicas dentro de um relacionamento amoroso inclinam-se a gerar grande carga subjetiva para os envolvidos, que vão além de lesões físicas vistas, no entanto por muitas vezes são ignorados os efeitos subjetivos e só se olham os hematomas vistos no corpo. É preciso ver que o que afeta o corpo também afeta a subjetividade e vice-versa. (DOURADO; NORONHA, 2014).

As mulheres tendem a ficar traumatizada após a agressão sofridas em relacionamentos, as marcas físicas muitas vezes aparece o que não acontece com o sofrimento psíquico que perdura.

A violência psicológica causa por si só graves problemas de natureza emocional e física. Independente de haver concomitância com a violência física, a violência psicológica deve ser identificada pelos Profissionais de Saúde, segurança ou educação. constantemente são percebidas as situações graves de saúde fruto do sofrimento psicológico dentre as quais se destacam: dores crônicas (costas, cabeça, pernas, braços etc.), síndrome do pânico, depressão, tentativa de suicídio e distúrbios alimentares. (SILVA et al, 2007).

Não raramente as sequelas da violência psicológica são mais graves que as físicas. passar pela experiência de abuso, abala a autoestima da mulher, sujeitando-a a um risco mais elevado de sofrer problemas mentais, principalmente depressão, fobia, estresse pós-traumático, tendência ao suicídio e consumo abusivo de álcool e drogas.

A violência psicológica também causa efeitos físicos, segundo Day et al, (2003) “Consequência da violência Dentre os quadros orgânicos resultantes, encontram-se lesões, obesidade, síndrome de dor crônica, distúrbios gastrintestinais, fibromialgia, fumo, invalidez, distúrbios ginecológicos, aborto espontâneo, morte”.

Frequentemente Costuma se tratar as feridas do corpo às marcas físicas perceptíveis e fáceis de serem tratadas, porém negligenciar as marcas e feridas emocionais.

Foi visto nos grupos pesquisado falas a respeito das tentativas de término e

dos termos de relacionamentos abusivos. o processo na maioria das vezes é bem conturbado com muitos percursos, segundo as mulheres, durante a tentativa de término ou os abusadores primeiramente prometem mudanças e o fim das agressões, dizem que vão mudar que as agressões nunca mais se repetirão, ou ameaçam a vida das mulheres e de seus familiares.

É inegável a dificuldade do processo de separação, porém devemos levar em consideração a satisfação das mulheres em sobreviver a tudo isso e conseguir se ver livre do RA.

Como processo, este caminho não foi linear. Assumiu-se como um movimento oscilatório, complexo, muitas vezes com (aparentes) estagnações ou desvios e, por vezes mesmo com regressões. Mas, em todo este processo, se temos de falar de muito sofrimento, também temos de falar do sonho, da esperança e da luta. Tudo isto para poder ser uma mulher com direito à sua autodeterminação, vivendo (ou não) uma relação de intimidade e poder usufruir daquilo a que por inerência tinha direito como pessoa e que o(s) outro(s) lhe roubaram durante anos: poder cumprir-se na sua humanidade e em liberdade poder assumir a condução da sua vida (LEITÃO, 2012, p.14).

Mesmo com o aumento das discussões e estudos sobre o tema, é visto que se pode considerar a violência doméstica psicológica como uma categoria de violência que é negligenciada. Pode-se citar as denúncias nas manchetes de jornais, que noticiam apenas casos graves, com ocorrência de danos físicos importantes e severos ou, até mesmo, quando a vítima vai a óbito. Outro mito, apresentado reiteradamente pela mídia, é o de que a violência urbana é superior à violência doméstica, em quantidade e gravidade. (SILVA et al, 2007).

## 6. CONCLUSÃO

É epidêmica a violência de gênero no Brasil e no mundo. As mulheres por muitos anos foram subjugadas e inferiorizadas, sofrem até hoje os resultados dessa visão patriarcal retrógrada que constantemente está enraizada na sociedade brasileira.

Graças aos grupos e páginas, ao feministas e a comunidade científica, vê-se uma crescente discussão acerca dos relacionamentos abusivos. Porém esse aumento não tem sido suficiente para abarcar toda a sua gravidade e a complexidade do desenvolvimento de ações necessárias para diminuir o número da taxa de violência de gênero no Brasil.

Pudemos esclarecer os vários tipos de violência sofrida pelas mulheres dentro de um relacionamento abusivo. E investigar a violência psicológica, a qual percebemos a alta prevalência dentro dos RAs. Violência na qual foi relatada mais traumas e desdobramentos tanto psicológicos quanto físicos.

Percebemos a grande relevância dos grupos na vida de mulheres que passam por relacionamentos abusivos. O relacionamento abusivo causa uma grande dor e angústia para as mulheres. Estar apaixonada, amar alguém que lhe agride e lhe faz mal, traz um sentimento de incapacidade, pois não conseguem deixar de amar de uma hora para outra e nem mudar o agressor. O grupo tem uma possível ação terapêutica, que auxilia na passagem por esses relacionamentos.

É necessário o combate a partir de políticas públicas e educacionais que combatem a violência contra a mulher no Brasil. Que encontram entraves na retirada sistemática de qualquer menção a “gênero” em planos municipais, estaduais e nacional de políticas para a educação, pelos conservadores. Além disso, a defesa pública de proposições e medidas conservadoras no executivo e no legislativo tem encorajado discursos e práticas que reforçam a violência de gênero e culpabilização da vítimas.

A legislação brasileira de combate à violência de gênero obteve grandes avanços na causa. Com leis claras e atuais, porém é preciso que a grande população tome conhecimento da mesma. Podemos citar a importância de programas escolares que podem ser eficazes na prevenção da violência em relacionamentos entre os jovens. E sempre buscar o aumento do empoderamento

social e econômico das mulheres que demonstraram eficácia na redução da violência por parte de parceiros.

Percebemos a importância dos espaços virtuais como possibilidades das mulheres estabelecerem trocas e relações de apoio, sem a exposição direta no dia a dia das relações, sujeitas a julgamentos; mas também ponderar que, por outro lado, esse estabelecimento da centralidade dos espaços virtuais a cotidianidade, podem por outro lado, esvaziar as possibilidades de transformações concretas das situações geradoras de sofrimento, servindo de espaços para descarga dessas situações, e quem sabe, reproduzindo a manutenção desses espaços na vida real..

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. Revista Sessões do Imaginário, Porto Alegre, ed. 20, p.34-40, dez. 2008.

BRAGA, A. Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. In: Anais do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, 2007.

BITTAR, D.; KOHLSDORF, M. Ansiedade e depressão em mulheres vítimas de violência doméstica. Psicologia Argumento, v.31, n.74, 2013.

CARIDADE, S. MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. Análise Psicológica, 4 (XXIV): 485-493 (2006).

LAMOGLIA, C. V. A. MINAYO M. C. de S. Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro Ciência & Saúde Coletiva, 14(2):595-604, 2009.

DAY, V. P et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações R. Psiquiatr. RS, 25'(suplemento 1): 9-21, abril 2003.

DOURADO, Z. M.; NORONHA, C. V. A face marcada: as múltiplas implicações da vitimização feminina nas relações amorosas. Physis Revista de Saúde Coletiva, v. 24, n. 2, p.623-643, 2014.

FÉRES-CARNEIRO, T. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade Estudos de Psicologia 2003, 8(3), 367-374 p.370.

HIRIGOYEN, Marie-France. A Violência no Casal: da coação psicológica à agressão física. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LEI Nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006 Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)

LEITÃO, M. N. da C. Mulheres sobreviventes de violência exercida por parceiros íntimos – a difícil transição para a autonomia, Universidade Católica Portuguesa, 2012.

MARQUES, T. M. Violência conjugal estudo sobre a permanência das mulheres em relacionamentos abusivos, 2005.

MERCADO, L. P. L. pesquisa qualitativa on-line utilizand/o a etnografia virtual Revista Teias v. 13 • n. 30 • 169-183 • set./dez. 2012, p.171-176.:

MINAYO Laços pe, M. C. S. laços perigosos entre machismo e violência. Ciência & Saúde Coletiva, 10(1):18-34, 2005.

MOZZAMBANI, A. C. F. et al. Gravidade psicopatológica em mulheres vítimas de violência doméstica. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p.46 2011.

OMS, Estimaciones mundiales y regionales de la violencia contra la mujer: prevalencia y efectos de la violencia conyugal y de la violencia sexual no conyugal en la salud, 2013. Disponível em:  
[http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/85243/WHO\\_RHR\\_HRP\\_13.06\\_spa.pdf;jsessionid=14436A7C2E762FCC9AC51E6EE33D1BFE?sequence=1](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/85243/WHO_RHR_HRP_13.06_spa.pdf;jsessionid=14436A7C2E762FCC9AC51E6EE33D1BFE?sequence=1)

OMS Folha informativa - Violência contra as mulheres. Disponível em:  
[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820)

PAIVA, C. FIGUEIREDO, B. Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, Prevalência, Causas e Efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4, 165-184(2003).

PATRÍCIO. R; GONÇALVES V. Facebook: rede social educativa? Instituto Politécnico de Bragança, I Encontro Internacional TIC e Educação, 2010.

Pezzato, L. M. L'abbate, S. O uso de diários como ferramenta de intervenção da Análise Institucional: potencializando reflexões no cotidiano da Saúde Bucal Coletiva *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 21 [ 4 ]: 1297-1314, 2011

PINHEIRO C. P. O SILVA R. M, MAMEDE M. V, FERNANDES A. F. C. Participação em grupo de apoio/ suporte: experiência de mulheres com câncer de mama. *RevLatino-Americana de Enfermagem*. 2008.

RECUERO, R. C. O lugar no espaço virtual Um estudo etnográfico sobre as recriações de territórios do mundo concreto no Second Life 2010.

SILVA, L. L., COELHO, E. B. S., & CAPONI, S. N. C. (2007). Violência silenciosa: Violência psicológica como condições da violência física doméstica. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 11(21).

SOUSA F. K. M. Narrativas sobre relacionamentos abusivos e mudança de sensibilidades do que é violência. 2017.

SOUZA. L. F. O diário de campo: a importância da reflexão na prática docente Larissa Ferreira de Seminário de licenciaturas do Campus CSEH-UEG: formação de professores em debate. 2 a 5 de dezembro de 2014.

WASELFISZ. J. J. mapa da violência 2015 homicídio de mulheres no brasil.1ª Edição Brasília , DF, 2015. Disponível em: [www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br).